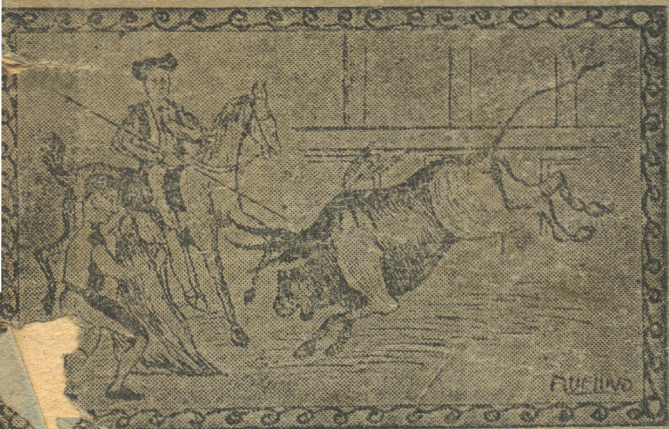


LEANDRO

1961

Editor Proprietário: José Bernardo da Silva.

HISTÓRIA DO BOI



MISTERIOSO

EDITOR
PROPRIETARIO
José Bernardo da Silva

História do Boi

MISTERIOSO

Leitor, vou narrar um fato
dum boi da antiguidade,
como não se viu mais outro
até a atualidade,
aparecendo um desse hoje,
era grande novidade.

Durou vinte e quatro anos
nunca ninguém o pegou,
vaqueiro que tinha fama
foi atraz dele chocou,
cavalo bom e bonito,
foi lá porém estancou,

Diz a história: ele indo
em desmedida carreira,
caso engalhasse um chifre
num galho de catingueira,
conforme fôsse a vergonteia,
arrancava-se a touceira,

Ele nunca achou riacho
que de um pulo não saltasse,
e nunca formou carreira
que com três leguas cansasse
como nunca achou vaqueiro
que em sua cauda pegasse

Muitos cavalos de estima
atrás dele se acabaram,
vaqueiros q' e em todos campos
até medalhas ganharam
muitos venderam os cavalos,
e nunca mais campearam

É preciso descrever
como foi seu nascimento
que é para o leitor poder
ter melhor conhecimento,
contô o que me contou 1 velho
e sua alguma eu acrescento

Já completaram trinta anos
eu estava na flôr da idade,
uma noite conversando
com um velho da antiguidade
em conversa ele contou-me.
e que viu na mocidade

Foi em mil e oitocentos
e vinte e cinco este caso,
uma época em que o povo
só conhecia o atraso
quando a ciência existia,
porém trancada num vaso

No sertão de Quixelou
 na fazenda Santa Rosa
 no ano de viate e cinco
 houve uma sêca horrorosa
 ali havia uma vaca
 chamada misteriosa

Isso de misteriosa
 ficou o povo a chamar
 porque um vaqueiro disse
 indo uma noite emboscar
 uma onça na carniça
 viu isso que vou narrar

Era meia noite em ponto
 o campo estava esquesito
 havia até diferença
 nos astros do infinito
 nem do nambú nessa hora
 se ouvia o saudoso apito

Dizia o vaqueiro: eu estava
 em cima dum arvorêdo
 quando chegou esta vaca
 que me causou até mêdo
 depois chegaram dois vultos
 e ali houve um segrêdo

O vaqueiro viu que os vultos
 fôram de duas mulheres,
 uma delas disse a vaca:
 parta por onde quizeres
 eu protegerei a ti
 e aos filhos que tiveres

Aí um vaqueiro viu
um touro ali chegar
então disseram os vultos:
• hora de regressar
disse o outro: monte em mim,
que o galo já vai cantar.

Aí clariou a noite
• vaqueiro pôde ver
eram duas moças lindas
que mais não podia haver
• touro era de uma espécie
que ele não soube dizer.

Ele viu elas montarem-se
viu quando o touro saiu
a vaca se ajoelhou,
e atrás deles seguiu
depois veio a onça, e ele
atirou-lhe ela caiu

Por isso teve a vaca
daí em diante esse nome
uns chamavam de feiticeira,
outros, vaca lubisome
dizia que ela era alma,
dum boi que morreu de fome

O coronel Sezinando
fazendeiro dono dela,
se informando da história,
não quiz que pegasse ela,
disse que o morador dele,
não tirasse leite nela

No ano de vinte e quatro
pouca chuva apareceu
em todo sertão do norte,
a lavoura se perdeu
atè o proprio capim,
faltou a chuva e não cresceu

Então entrou vinte e cinco
o mesmo verão trincado,
morreu muita vaca de fome,
quase não escapa gado,
escapou alguma rez,
lá num, ou outro cercado.

A vaca misteriosa
não houve mais quem a visse
o donó não se importava
que ela também se sumisse,
podia atè pegar fogo,
que na fumaça subisse.

A vinte e quatro de Agosto
data esta receiosa,
que è quando o diabo pode
soltar-se e dar uma prosa,
pois foi nesse dia o parto,
da vaca misteriosa

Dela nasceu um bezerro,
um pouco grande e nutrido,
preto da côr de carvão
e pêlo muito luzido,
representando já ter
um mês ou dois de nascido.

Um vaqueiro da fazenda
assistiu ele nascer,
foi a noite a casa grande
ao coronel lhe dizer,
e coronel disse: então
se nasceu deixe crescer.

Em Março de 25
o inverno estava pegado
a coronel Sezinando,
mandou juntar todo gado,
que ele queria saber
quantas rezes tinha escapado

Então a misteriosa
poude vir no meio do gado
trazia o dito bezerro
grande e muito bem criado
o que era de vaqueiro
vinha tudo admirado

Um indio velho vaqueiro
da fazenda do Desterro
disse ao coronel: me falta
a terra no meu enterro
quando aquela vaca velha,
for mãe daquelé bezerre

Ali mesmo o coronel
tomando nota do gado
tirou as vacas parilas
das que tinham escapado
e não a misteriosa
devido ficar cismado

Com um ano e meio ele tinha
mais de 6 palmos de altura,
uns chifres grandes e finos
com um palmo de grossura
o casco dele fazia
barroca na terra dura

Sumiu-se o dito bezerro
e a vaca misteriosa
depois de cinco ou seis anos
na fazenda Venturosa
viram ele com a marca
da fazenda Santa Rosa

O vaqueiro conheceu
o boi ser do seu patrão
viu que devia pegá-lo
que tinha sua obrigação,
ajuntou ambas as redeas
esporeou o alazão

Partiu em cima do boi
andou perto de pegá-lo
com dezoito ou vinte passes
talvez pudesse alcançá-lo
era sem limite o gosto,
que tinha de derribá-lo

Mas o boi se fez no casco
e no campo se estendeu
gritou-lhe o vaqueiro: boi
tu não sabes quem sou eu,
boi que lhe boto o cavalo
é carne que apodreceu.

Com menos de meia lègua
estava o vaqueiro perdido.
não soube em que instante
e tal boi tinha sumido,
estava o cavalo suado,
e já muito esbaforido.

Voltou então o vaqueiro
sem saber o que fizesse,
pensando em chegar em casa
então que história dissesse,
se pegando com os santos
que o coronel não soubesse

Contou aos outros vaqueiros
o que se tinha passado,
dizendo que aquele boi
só sendo um bicho encantado
se havia mágica em boi,
aquele era batizado.

No outro dia seguiram
seis vaqueiros destemidos,
em seis cavalos soberbos
dos melhores conhecidos
pois só de cinco fazendas
poderam ser escolhidos

Fei Noberto da Palmeira,
Ismael do Riachão,
Calixto do Pé da Serra,
Felix da Demarcação,
Bemvenuto do Desterro,
Zè Preto do Bouqueirão.

Tinha já ido dizer
na fazenda Santa Rosa,
que o vaqueiro Apolinário
da fazenda Venturosa
tinha encontrado com o boi
da vaca misteriosa

O coronel duvidou
quando contaram-lhe o fato
disse a pessoa: os vaqueiros
já seguiram para o mato
o coronel foi atrás
saber se aquilo era exato

Disse então Apolinário
que andava campeando
viu 1 boi preto muito grande
e dele se aproximando,
viu do lado esquerdo o ferro
do coronel Sezinando

Pois bem, disse o coronel
esse garrote encantado,
quando desapareceu
inda não estava ferrado
foi-se orelhudo de tudo
nem sequer estava assinado.

Pois tem na orelha esquerda
três messas e um canzil
tem na orelha direita
brinco lascado a funil,
o ferro de Santa Rosa
está nele a marca buril.

Fôram ende Apolinário
a tarde tinha encontrado
pouco adiante ele estava
numa malhada deitado,
levantou-se lentamente,
como quem estava enfadado.

Ai tratou de partir
em desmedida carreira
o coronel Sezinando
disse ao vaqueiro Moreira
aquele não há quem pegue
voltamos, pois é asneira

Disse o vaqueiro Noberto:
eu não o posso pegar,
porém só me desengano
quando o cavalo cansar,
nunca vi boi na igreja
para padre batisar

Noberto tinha um cavale
chamado «Rosa do Campo»
Calixto do pé da serra
um chamado Pirilampo
o de Apolinário «Nisce»
era da raça do campo

O do vaqueiro Iemael
chamava-se Perolano
o do índio Bemvenuto,
chamava-se seberano
Felix tinha um poldro preto
chamava-se Riso do Ano.

O do vaqueiro Zé Preto
tinha nome de calixto
entre todos os cavalos
aquele era o mais bonito
era filho dum cavalo
que trouxeram do Egito.

Era meio dia em ponto
quando formaram carreira
o boi fazia na frente
uma nuvem de poeira,
nos riachos ele pulava
de uma a outra barreira

Zé Preto do Boqueirão
foi quem mais se aproximou
quase lhe pega a cauda
porém não o derrubou
ficou tão contrariado
que depois disso chorou

Dizia que nunca viu
um boi de tanta ligeireza,
como no cavalo dele,
nunca viu tanta destreza,
e disse que um boi daquele
para o sertão é grandeza

Perguntou o coronel:
o boi será encantado?
não senhor, disse Zé Preto
isto de encanto é ditado,
é boi como outro qualquer,
só tem que foi bem criado.

Eram seis horas da tarde
já estava tuto suado,
não havia um dos cavalos
que não tivesse ensopado,
porém mais de cinco leguas,
de um fôlego tinha tirado.

O coronel Sezinando;
disse: vamos descansar,
vaqueiro d'âgora em diante,
tem muito em que se ocupar
eu só descanso a meu gosto;
quando esse boi se pegar

Disse o indio Bemvenuto:
coronel se desengane,
esse boi não é pegado
nem que o diabo se dane,
cavalo não chega a ele
inda que por mais se engane

Tenho sessenta e dois anos
em calculo não tenho erro,
e disse que me faltasse
terra para o meu enterro
quando aquela vaca fôsse,
a mãe daquele bezerro.

Disse o coronel: você
é um caboclo cismado,
não deixa de acreditar
nisso, de boi batisado,
e mesmo aquele não é
o bezerro encantado.

Não é? ora não é.
veremos se é ele ou não,
vossa senhoria, ajunte
os vaqueiros do sertão,
do Rio Prata, ao Pará;
depois me diga então.

Disse o coronel; cabôclo
Zé Preto não pegou ele?
era... pegou, coronel
mas não sabe quem é ele
dou a vida se tiver um
que traga um cabelo dele

Eu digo de consciência
senhor coronel Sezinando,
o boi é misterioso
para que está lhe enganando
o boi é filho de um genio,
uma fada está criando.

A mãe d'água do Egito
foi quem lhe deu de mamar,
a fada da Borborema
tomou o para criar,
na Serra do Araripe
foi ele se batisar.

O coronel Sezinando
disse: eu não acredito,
na fada da Borborema
e na mãe d'água do Egito,
genio e fada para mim,
é um dito esquecido.

Quarenta e cinco vaqueiros
sairam para pegá-lo
dizla e indio: só hoje
vocês podia pegá-lo
no dia de sexta-feira
duvido de quem achá-lo

E de fato, nesse dia
nem o rastro dele viram,
voltaram para a fazenda
no outro dia partiram
as nove horas do dia
no rastro dele seguiram

Na garganta duma serra
acharam ele deitado
na sombra de aroeira
estava ali descuidado
pulou instantaneamente,
na rapidez de um veado,

O boi entrou na caatinga
que não procurava jeito,
mororó, jurema branca
ele levava de oito
rolava pedra nos cascos,
levava angico no peito

Disse Fernando de Lima
um dos vaqueiros paulista:
em todos esses cavalos
não ha um mais que resista
dormiremos aqui; não convem
ninguém perder ele de vista

Dormiram todos ali
naquele campo tão vasto,
pelaram a cavalgadura
deixaram ganhar o pasto
as sete horas da manhã,
seguiram logo no rastro

O cavalo Soberano
ao ver o rastro do boi,
gemeu, e pulou pra traz
e o indio gritou: oi!
deixou os outros vaqueiros,
correu pra traz e se foi

Disse o indio Bemvenuto:
eu não posso campear,
o cavalo está doente
é preciso descansar,
faz muitos dias que corre,
e eu preciso voltar.

Então disse o coronel:
existe aqui um mistério,
antes de haver este boi
você não era tão sério?
você, faz do boi uma alma,
o do campo cemitério!

Bemvenuto, respondeu:
baja o que houver vou embora
querendo me dispensar
pode me dizer agora,
vá quem quizer, eu não vou
e não posso mais ter demora

Andaram duzentos metros
logo adiante foram vendo,
um vaqueiro disse: olhe
o boi ali se lambendo,
também não teve um vaqueiro
que não partisse correndo,

○ capim tinha uma régua
sem ter nele um pé de mate
o boi corria tanto
que só veado ou um gato,
então fazia uma sombra,
pouco maior que a de 1 rato

Então disse Lopes do Exu:
juro a fé do cavaleiro
não sairei mais de casa,
a chamado de fazendeiro,
vendo o cavalo e a sela,
e deixo de ser vaqueiro.

As cinco horas da tarde
se resolveram a voltar
então os cavalos todos
não podiam mais andar
os vaqueiros não podiam
tanta fome suportar.

Voltaram para fazenda,
e tornaram contratar,
a 21 de Novembro
cada um ali chegar,
o Coronel Sezinando,
maadaria os avisar

O coronel Sezinando,
homem muito caprichoso
tirou 3 contos de réis
disse: é para o venturoso,
que venha a esta fazenda,
e pegue o misterioso

A 21 de Novembro
venceu o prazo afinal,
a fazenda Santa Rosa
estava como um arraial,
ou uma povoação
numa noite de Natal.

Já um criado chamava
o povo para o almoço,
quando viram ao longe 1 vulto
divulgaram ser um moço,
então vinha num cavalo
que parecia um colosso

Era um cavalo caxito
tinha uma estrela na testa,
vaquejada que ele ia
ali tornava-se em festa,
ganhou numa apartação,
nome de rei da floresta.

Chegou então o vaqueiro
saudou a todos dali,
perguntou: qual dos senhores
é o coronel aqui?
apontaram o coronel,
e disseram: é aquele ali

O coronel perguntou-lhe:
de que parte cavaleiro?
— eu sou de Minas Gerais
disse o rapaz—sou vaqueiro
vim porque soube que aqui
existe um boi mandingueiro

Disse o coronel: existe
esse boi misterioso
tem-se corrido atraz dele
ele sai vitorioso,
já tem saído daqui
vaqueiro até desgostoso.

Queria ver esse boi
disse sorrindo o vaqueiro
tenho vinte e quatro anos
nunca vi boi feiticeiro
disse o coronel: pegando
ganha avultado dinheiro

Q' em pegá-lo em pleno campo
disse ai o coronel
ganhará pago por fim
um relógio e um anel
tem mais 3 contos de réis,
em jóia, prata ou papel

Salvo se alguém pegar
quando ele estiver doente
ou lhe atirar de longe
isso é cousa diferente
há de pegar pelo pé.
ele bom perfeitamente

Disse o moço, não aceito
objeto nem dinheiro,
eu só desejo ganhar
a vitória dum vaqueiro
esse seu menor criado,
é filho dum fazendeiro

Descansaram o dia de sabado
domingo, segunda e terça,
disse o coronel; a tarde
quem for vaqueiro apareça
saíremos quarta-feira
antes que o dia amanheça

Na quarta-feira seguiu
como tinha contratado
o povo que o coronel,
a tarde tinha avisado,
era dez horas do dia
inda acharam o boi deitado

Disse o vaqueiro de Minas;
perdi de tudo a viagem
eu pegando um boi daquele
não digo por pabulagem
para o cavale que venho,
inda dez não é vantagem.

Pensei que fosse maior
segundo o que vi falar,
parece até um garrote
que criou-se sem mamar,
um bicho manso daquele
faz pena até derribar

Porém o cavalo aí viu o boi se levantar estremeceu e bufou afastou-se e quiz recuar, que deu lugar ao vaqueiro daquilo desconfiar.

Aí chegou-lhe as esporas e o cavalo partiu, em menos de dez minutos o boi também se sumiu deu uns 3 ou quatro pulos ali ninguém mais o viu

O boi entrou na caatinga e o vaqueiro também por dentro do cipóal, que não passava ninguém tanto que o coronel disse: ali não escapa ninguém.

Em seis horas da tarde estava o grupo reunido sem saberem do vaqueiro que atraz do boi tinha ido, via-se a batida apenas por onde tinha seguido

Um dizia: ele morreu outros, que tinha caído outro dizia: o vaqueiro arrisca se a ter se fugido não p.ude pegar a boi voltou de lá escondido

Acenderam o faixo e fôram
por onde tinham entrado
acharam sempre roteiro
por onde tinham passado,
o coronel Sezinando,
já ia desenganado.

Passava de meia noite
gritaram, ele respondeu:
o coronel acalmou-se
e disse: ele não morreu,
porém o grito era longe,
que quase não se entendeu:

Três horas da madrugada
foi que poderam o achar,
mas o cavallo caído
sem poder se levantar
e ele contrariado,
sem poder quase falar,

O coronel perguntou-lhe
o que tinha sucedido,
respondeu que tal desgraça
nunca tinha acontecido,
dizendo: antes caisee,
e da queda ter morrido

O cavallo em que eu vim
ninguém nunca o viu cansado
correu em dia seis leguas
inda não chegou suado,
e da carreira de hoje,
ficou inutilizado.

Não volto a Minas Gerais
porque chego com vergonha
os vaqueiros de lá esperam
uma notícia risonha,
eu chegando lá com essa
dão-me uma vaia medonha.

Menos de cinqüenta passos
inda me aproximei dele,
ainda estirei a mão
mas não pude tocar nele.
apenas eu posso dizer
não sei que boi é aquele,

Nunca vi bicho correr
com tanta velocidade
só lampejo de relampago
em noite de tempestade,
nem peixe n'agua se move
com tanta velocidade

Ele é um boi muito grande
tem o corpo demasiado,
não sei como corre tanto
dentro do mato fechado,
por isso è que muitos pensam
que é um boi encantado.

O coronel ai disse:
acho bom tudo voltar
disse o vaqueiro de Minas
não preciso descansar,
vejam se dão-me um cavale
que vou me desenganar,

O coronel Sezinando
chamou Mamede Veloso,
e lhe disse: Mamede vá
a fazenda do Mimoso,
diga o vaqueiro que mande
o cavalo Perigoso

Diga que mate uma vaca
mande queijo e rapadura
e vá esperar por nós
na fazenda da Bravura.
diga que somos sessenta,
leve jantar com fartura.

O vaqueiro cumpriu tudo
que seu amo lhe ordenou
deu o cavalo a Mamede
puxou a vaca e matou,
as onze horas do dia
então Mamede chegou.

Trouxe um cavalo cardão
com especie de rudado
disse o vaqueiro de Minas:
eh! bicho do meu agrado
lhe disseram o nome dele
foi muito bem empregado.

O vaqueiro levantou-se
com o para-peito no ombro,
se aproximou do cavalo
passou-lhe a mão pelo lombo
o cavalo deu-lhe um sopro
q'è quase causa-lhe assombro

Então o vaqueiro disse:
eu vou experimentar,
se o cavalo perigoso
presta para compear,
disse então o coronel:
cuidado quando montar.

Veja que ele já matou
com queda quatro vaqueiros,
os que causaram mais pena
fôram dois piauízeiros,
então respondeu o Sergio:
não eram bons cavaleiros.

Quando o vaqueiro montou
o cavalo se encolheu
ele chegou-lhe as esporas
o sangue logo desceu,
quase três metros de altura,
ele da terra se ergueu.

Mas o vaqueiro era destro
ali não desaprumou
chegou-lhe ainda as esporas
ele de novo pulou.
esse pulo foi tão grande,
que tudo se admirou

Fez uma curva no corpo,
tiren pelos quartos a sela,
o vaqueiro era um herói
saltou aprumando nela,
dizendo: hoje achei 1 têsto,
que deu na minha panela.

Saltou mais não afrouxando
ambas as rédeas do cavalo;
sabia que se soltasse
ninguém podia pegá-lo,
dizendo: o cavalo serve,
vou logo experimentá-lo.

Selou de novo o cavalo
e tornou a se montar,
tanto que o coronel disse;
este sabe cavalgar,
o cavalo conheceu,
ali não quiz mais pular.

Passava de meio-dia
quando os vaqueiros saíram,
acharam o rasto do boi
todos os vaqueiros seguiram,
adiante encontraram ele,
no limpo que todos viram.

Sergio, o vaqueiro de Minas
foi o primeiro que viu
perguntou: será aquele,
que lá do mato saiu?
todos disseram: é aquele,
então o Sergio partiu.

Deu de espora no perigoso
e nada mais quiz dizer;
o boi olhou para o povo,
também tratou de correr,
o mato abriu e fechou
ninguém mais não pôde vê.

Então quando o boi correu
procurou logo a montanha
todos disseram: hoje o boi
talvez não conte façanha
• cavalo Perigoso
agora fica sem manha

Com meia legua se ouvia
galho de pau estalar,
atropelada do boi
pedra no mato rolar
se ouvia perfeitamente
• Perigosa bufar

Entraram o vaqueiro e o boi
no mato mais esquesito
de quando em vez o vaqueiro
por sinal soltava um grito
tanto que o coronel disse:
já vi campear bonito.

O boi subiu a montanha
sem escolher por onde ia
e o vaqueiro já perto
de vista não o perdia
• cavalo Perigoso
com mais desejo corria

Descambaram a Serra Verde
o boi entrou num baixio.
depois subiu a campina
entrou na ilha dum rio
em lugar que outro vaqueiro,
em olhar sentia frio.

Porém o vaqueiro disse:
aonde entrares eu entro
se tu entrares no mar
viro-me peixe vou dentro
alguém que for procurar-me
acha-me morto no centro

O boi com facilidade
o trancadilho rompeu
quase no centro do vão
o vaqueiro conheceu
o cavalo perigoso
da carreira adoeceu

Diabol! disse o vaqueiro
está doente e perigoso
ah boi do diabol! enfim
tu te chama misterioso
eu puxei a meu avô,
que morreu por ser teimoso

Voltou para o campo limpo
o cavalo tão suado
com um talho no pescoço
um casco quase furado
de uma forma que o vaqueiro
não pôde voltar montado.

As oito horas da noite
vieram os outros chegar
a estrada que o boi fez
deu para todos passar
cinquenta e nove cavaleiros
sem nem um se embaraçar

Colega quedê o boi?
perguntou o Sezinando,
• Sergio se levantou
• respondeu espumando;
seronel eu já pensei,
que só me suicidando.

—Suicidar-se!... porque?
• Sergio então respondeu,
o coronel, não está vendo
• que já me sucedeu?
matei o meu cavalo aqui,
e inutilizei o seu.

Disse o coronel: faz pena
perigoso se acabar,
porém é nosso paguei-o
ninguém vem mais o cobrar,
e dou vinte pelo seu,
se dois ou três não pagar.

Hram sessenta cavalos
uns de diversos serções,
e todos esses não iam
a todas repartições,
em vaquejadas garbosas,
mostraram lindas ações.

Havia um cavalo russo
chamado paraíbano,
carióca, Rio-grandense,
paturi e pernambucano
peulista, e vitoriense
Mar-do prado e sergipano.

Pombo Roxo e Papagaio
Flôr do Campo, e Catingueiro
Secó Bol, e Carneiro Verde
Pantola, e Plauizeiro
Aguia Branca, e Bentivi
Flexa, Peixe e Campineiro

E outros que aqui não posso
seus nomes mencionar
era também impossível,
quem me contou se lembrar
é melhor negar o nome,
do que depois se enganar.

Não tinha um desses todos
que não fosse conhecido,
em diversas vaquejadas
já não tivesse corrido,
até seus donos já tinham,
medalhas adquirido.

Voltaram para a Bravura
onde a gente era esperada,
ainda estava esperando
o povo da vaquejada
mas não houve dos vaqueiros
que se servisse de nada.

Assim que deu meia noite
feram para Santa Rosa
a mulher do coronel
es esperava ansiosa
sabia que a vaquejada
era muito perigosa.

Quando foi no outro dia
antes de terem almoçado
disse Sergio; coronel
eu estou causando cuidado
me arrume qualquer cavalo
ou vendido ou emprestado

O coronel mandou ver
um cavalo e lhe ofereceu,
foi ver um conto de réis
em ouro e prata e lhe deu
ele pedindo licença
não quiz lhe agradeceu

Eu vim atraz desse boi
não devido ao dinheiro
eu vim porque tenho gosto
nesta vida de vaqueiro
se eu não morrer inda mostro
quanto vale um cavaleiro

O coronel disse a ele:
eu fico penalizado
não digo que se demore
porque seu pai tem cuidado,
veja se volta em Janeiro
que me acha preparado

Então o Sergio saiu
não pôde mais demorar
o coronel Sezinando,
não mais deixou de pensar
porque lórma aquele boi
ninguem podia pegar.

Chamou o escravo e disse:
monte num cavalo e vá
a fazenda de Desterro
diga o vaqueiro de lá
que eu mando dizer a ele,
que sem falta venha cá

O escravo cumpriu todo
o dever do portador,
achou a casa fechada
perguntou a um morador,
se sabia do vaqueiro,
esse disse; não senhor,

Então o morador disse:
na noite de sexta-feira,
o indio foi ao curral
deixou aberta a porteira,
saiu montado a cavalo,
e levou a companheira.

Voltou o escravo e disse
tudo que tinha sabido,
que na sexta-feira a noite
o indio tinha saído
e carregou a mulher
como quem sai escondido

Inda mais essa agora!
o coronel exclamou
aquele bruto saiu
e nem me comunicou,
que diabo teve ele,
que até o gado soltou!

No outro dia foi lá
achou a porta fechada,
então a porta da frente
tinha flocado cerrada
até a mala de roupa,
inda estava destrancada

O fazendeiro com isso
ficou muito constrangido
pensava logo em um crime
que pudesse ter havido;
o indio não tinha causa
porque saisse escondido.

Então mandou gente atraz
pelo mundo a procurar,
não achou uma pessoa
que dissesse: eu vi passar,
em todo sertão que havia,
ele mandou indagar.

Então o povo dizia
que o indio era feiticeiro,
e uma fada pediu-lhe
que não fôsse mais vaqueiro,
a fada transformou ele
em um veado galheiro

Os faladôres diziam
que ele foi assassinado
e talvez o coronel,
tivesse mesmo mandado
matar ele e a mulher
para ficar com o gado

Outros diziam ao contrario
até julgavam que não
os dois cavalos do indio,
onde botaram então
mesmo assim o coronel
não fazia aquela ação

Bem encostadinho ao indio
uma velha fiandeira,
morava numa casinha
e fiava a noite inteira
disse que quase se assombra,
ali numa sexta-feira

Disse: meia noite em ponto
eu ainda estava fiando,
em casa de Bemvenuto,
eu ouvi gente falando
espiei por um buraco
vi chegar um boi urrando,

A velha disse: Deus mande
a cascavel me morder,
se de lá da minha casa
não ouvi o boi dizer,
boa noite Bemvenuto,
eu só vim aqui te ver

O boi disse outras palavras
que eu não pude ouvir,
o cabôclo e a mulher

disso ficaram a sorrir
o boi, o indio, e a mulher,
tudo junto eu vi sair.

Ai fui guardar o fuso
a cêsta e o algodão
Crêdo em Cruz! dizia eu
aquilo é arte do cão,
são cousas do fim do mundo,
bem diz Frei Sebastião

O coronel a princípio
inda não acreditou
porém depois refletia
uma ação que o indio obrou
quando rastejava o boi
o indio não foi, voltou

Então desse dia em diante
ninguém ali mais o viu
não houve mais q'ém soubesse
aonde ele se sumiu,
foi igualmente a fumaça
que pelos ares subiu,

Como o indio e a mulher
tudo desapareceu
tanto que dizia muitos
que o diabo os escondeu,
durante dezesseis anos,
novas deles ninguém deu

Sergio o vaqueiro de Minas
todos os menses escrevia
perguntando ao coronel,
se o boi inda existia,
dizendo: quando quizer,
escreva marcando o dia

Fazia dezesseis anos
que o boi estava sumido,
até por muitas pessoas
ele já era esquecido
quase todos já pensavam
que ele já tivesse morrido

O coronel Sezinando
tinha como devoção
festejar todos os anos.
a imagem de São João
todo ano era uma festa,
não havia excepção

Uma noite de São João
na fazenda Santa Rosa,
só a noite de natal
estaria tão formosa,
porque em todo sertão,
aquela era a mais garbosa.

Três classes ali dansavam
em redobrada alegria,
no salão da casa grande

os lordes da freguezia
em latada de capim
a classe pobre que havia

O leitor deve lembrar-se
do estilo do sertão
o que não fizer fogueira
nas noites de São João
fica odiado do povo
tem fama de mau cristão

O coronel Sezinando
derribou uma aroeira,
e vinte e oito pessoas
carregou esta madeira
para o patio da fazenda
e fizeram uma fogueira.

Estava a noite vinte e três
do mês do Santo Batista
como outra no sertão
nunca tinha sido vista
só faltava ali a musica,
discussos, e fôgos de vista

Então o povo dali
uns dansando outros bebendo
um prazer demasiado,
em tudo estava se vendo
mais de 50 pessoas
assando milho e comendo

Meia noite mais ou menos
poude o povo calcular,
o galo pai do terreiro,
estava perto de cantar
quando viram um touro preto
no pateo se apresentar

Meteu os cascos na terra
cobriu tudo de poeira
deu um urro tão grande
que ouviu em toda ribeira
deixou em cima da casa
toda brasa da fogueira

Dos cachorros da fazenda
nem um se quer acudiu
o gado urrava de medo,
parte do povo fugiu
o coronel Sezinando
foi o único que saiu

Ainda viu o vulto dele
que peló pateo ia andando
chamou os cachorros todos
esses fugiram uivando.
o povo todo em silencio
já muitos se retirando.

Então acabou-se a festa
o povo se debandou
os moradores de perto

lá, um ou outro ficou
aquele salão garboso
em esouro se tornou

No outro dia as dez horas
o coronel Sezinando
estava com sua mulher
no alpendre conversando
quando o indio Bemvenuto
chegou e foi se apeando.

O coronel exclamou:
indio velho desgraçado
você saiu escondido,
me dando tanto cuidado,
por sua causa até hoje
eu vivo contrariado!

Então perguntou o indio;
pegaram o misterioso?
que atraz até morreu
o cavale perigoso?
respondeu o coronel,
sumiu-se aquele tinhoso

Então disse o coronel;
você hoje há de dizer.
aquele boi e que é
que só você pode saber
se fizer este favor
tenho que lhe agradecer

De nada sei, coronel
e indio lhe respondeu:
sabe, disse o coronel,
e contou o que se deu.
disse: quando você sumiu-se
ele desapareceu.

Eu andava viajando
disse o indio Bemvenuto
respondeu-lhe o coronel:
ora, necê é muito bruto
que motivo foi que houve
que você saiu oculto?

No motivo há um segredo
que não posso revelar
e o boi misterioso
voltou ao mesmo lugar
anda ai publicamente,
quem quizer pode pegar

Eu atraz dele não vou
não trago ninguém em engano
pois não quero desgostar
meu cavalo soberano
por eu ir lá uma vez
tive castigo de um ano

Zé Preto de Bouqueirão
naquela hora chegou,
perguntou ao coronel

o que foi que se passou?
respondeu o coronel;
foi o cão que se soltou.

Disse Zé Preto: eu também
venho aqui tão receioso
o coronel me conhece,
vê, não sou homem medroso
inda agora quando eu vim
vi o boi misterioso.

Na malhada do balão
passei, vi ele deitado
foi o boi que veio aqui
eu fiquei desconfiado
porque vi um chifre dele
e parece está queimado.

Sergio o vaqueiro de Minas
nesse momento chegou
disse: senhor coronel
as suas ordens estou,
pois recebi o recado,
que o coronel me mandou

Disse o Sergio: eu recebi
do coronel um recado,
que no dia vinte e sete
estava o pevo contratado
pois o boi misterioso,
já tinha sido encontrado.

Então disse o coronel
que o recado não mandou,
ali contou a miúdo
a cena que se passou,
e disse: Zé Preto agora
me disse que encontrou

Nisto chegou um vaqueiro
um baboço curiboca,
o nariz grosso e roliço
em forma duma taboca
em cada lado do rosto,
tinha uma grande papoca

—Bom-dia sr, coronel
disse o tal recém-chegado,
tenha o mesmo cavalheiro
respondeu desconfiado,
dizendo dentro de si:
de onde é este danado?

O coronel perguntou
de onde é cavalheiro?
do sertão de Mato Grosso
respondeu o tal vaqueiro,
—A que negocio é que vem?
perguntou o fazendeiro.

Venho a vossa senhoria
a mandado de meu patrão,
ver um boi misterioso

que existe aqui no sertão
o coronel quer que pegue
me dê autorização

Meu patrão é bom vaqueiro
lhe disse o desconhecido,
soube que nessa fazenda
um boi tinha se sumido
mandou-me ver se esse boi
já tinha aparecido

E se o coronel quizesse
qu'eu fosse ao mato pegá-lo
eu garanto ao coronel,
vendo hei de derrubá-lo
o patrão por segurança
mandou-me neste cavalo

Esse cavalo não sai
daqui desmoralizado
neste só monta o patrão
ou eu quando sou mandado
é um poltro está mudando
porém é condecorado

O cavalo era mais preto
do que uma noite escura
até os outros cavalos
temiam a sua figura
o corpo muito frazino
com oito palmos de altura

Tinha os olhos côm de brasa.
os cascos como formão
marcado com sete rodas
das juatas do pé a mão
e tinha do lado esquerdo
sete sinos Salomão

Pois bem, disse o coronel
amanhã temos que ir
mande avisar os vaqueiros
creio que tudo ha de vir
as sete horas da manhã
nós havemos de sair

Cinquenta e nove vaqueiros
as oito horas chegaram
todos tiraram as selas
e seus cavalos pelaram
ceiaram, armaram a rêde
no alpendre se deitaram

Mas o caboclo não quiz
peiar o cavallo dele
não quiz ceiar e passou
a noite encostado a ele
dizendo que não peiava
não confiava-se nele

De manhã todos seguiram
o caboclo foi na frente
o coronel netou logo

nele um tipo diferente
e disse: se houver diabo
aquele é um certamente

Foram aonde Zé Preto
na vespera tinha deixado
naquele mesmo lugar
inda estava ele deitado
levantou-se espreguiçando
e não ficou assustado

Depois de se levantar
cavou o chão e urrou
o urro foi esquesito
que tudo ali se assustou
o cavalo do cabeclo
cheirou o chão e rinchou

Tratou o boi de correr
e subiu logo um oiteiro
pro lugar que era impossível
subir nele um cavaleiro
de cinqüenta e nove homens
só foi lá o tal vaqueiro

Então o cabeclo disse;
pode correr camarada
veremos quem tem mais força
se é meu patrão ou a fada
eu não chego a meu patrão
contando historia furada

Você bem vê o cavalo
que eu venho montado nele
e conhece o meu patrão
sabe que o cavalo é dele
o boi aí se virou
e olhou bem para ele

Aí desceu do oitreiro
em desmedida carreira
deixando por onde ia
uma nuvem de poeira
o curiboca gritou-lhe:
não corra que é asneira

Então seguiram no campo
onde tudo se avistava
o cavalo do caboclo
fôgo da venta deitava
dava sopro nas campinas
que tudo ali assombrava

O coronel disse a todos:
devemos seguir atrás
está decidido que ali
anda a mão de satanez
convém agora é ir vermos
que resultado isso traz

Bem no centro da campina
havia uma velha estrada
feita por gado dali

perem estava apagada
depois com outra vereda
fazia uma encruzilhada

Iam o vaqueiro e o boi
pela dita cruz passar
ali enguiçava a cruz
ou tinha então que voltar
devido os outros vaqueiros
não havia outro lugar

Mas o boi chegando perto
não quiz enguiçar a cruz
tudo desapareceu
ficou um fecho de luz
e depois dela saíram
uma aguia e dois urubus

Tudo ali observou
o fato como se deu
viu-se que o chão se abriu
e o campo estremeceu
pela abertura da terra
viram quando o boi desceu

Voltaram todos os homens
o coronel constrangido
o boi e o tal vaqueiro
terem desaparecido
a terra abriu-se e fechou-se
pôs tudo surpreendido

Julgam que a-aguia era o boi
que quando na terra entrou
ali havia uma fada
em uma aguia o virou
o vaqueiro e o cavalo
em 2 corvos os transformou

O coronel Sezinando
ficou tão contrariado
que vendeu toda fazenda
e nunca mais criou gado
houve vaqueiros daqueles
que 1 mês ficou assombrado

Lá inda hoje se ver
em noites de trovoádas
a vaca misteriosa
naquelas duas estradas
duas mulheres falando
rangindo os dentes e chorando
onde as cenas foram dadas

Fim - Juazeiro, 22-12-61

Preço: 20 Cruzeiros

22.12.1961

TIP. SÃO FRANCISCO

José Bernardo da Silva

Mantém um variado sortimento de romances, Folhetos Novenas, Orações etc. Grande depósito para os revendedores. Também tem a venda o famoso Livro Moderno, com todos os cálculos astroloógicos para os invernos do Norte Brasileiro.

Não arrendemas Recombas postal

Rua Sta. Luiza, 263 — Inchoíto — Ceará

AGENTE

Maria Athayde — Rua S. Miguel, 172

CARUARU — Pernambuco



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).